

Acessando o significado social da palatalização /t, d/

Accessing the social meaning of palatalization /t, d/

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória¹

Resumo: Ao considerar a língua como sistema inerentemente variável, a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) postula que as variantes linguísticas apresentam o mesmo significado referencial, mas tendem a apresentar significados sociais diferentes. Esses significados podem ser associados a valores positivos, negativos ou neutros na comunidade. Neste estudo, mensuramos os significados sociais associados ao processo de palatalização /t, d/ por estudantes universitários do agreste alagoano, a partir de seis parâmetros de julgamento social: percepção da variação na cidade onde mora, crença a respeito do próprio uso linguístico, avaliação da variação, percepção do uso quanto à variação diatópica, quanto à escolarização e quanto ao preconceito linguístico. Adotamos uma abordagem direta (GARRET; COUPLAND; WILLIAMS, 2003) através de um questionário de crenças e atitudes linguísticas, que foi aplicado a 102 estudantes universitários. Os dados evidenciam que a percepção dos estudantes é sensível ao contexto linguístico, revelando que, para a palatalização regressiva, há uma avaliação positiva, indicando ser um estereótipo positivo, ao passo que, para a palatalização progressiva, há uma avaliação negativa, indicando um caso de estereótipo negativo na comunidade.

Palavras-chave: Significados sociais. Palatalização regressiva. Palatalização progressiva.

Abstract: When considering language as an inherently variable system, the Theory of Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) postulates that linguistic variants have the same referential meaning but tend to have different social meanings. These meanings can be associated with positive, negative or neutral values in the community. In this study, we measured the social meanings associated with the palatalization process /t, d/ by university students from agreste Alagoas, based on six parameters of social judgment: perception of variation in the city where they live, belief about their own linguistic use, evaluation of variation, perception of use regarding diatopic variation, regarding schooling and regarding linguistic prejudice. We adopted a direct approach (GARRET; COUPLAND; WILLIAMS, 2003) through a questionnaire of linguistic beliefs and attitudes, which was applied to 102 university students. The data show that the students' perception is sensitive to the linguistic context, revealing that, for regressive palatalization, there is a positive evaluation, indicating that it is a positive stereotype, whereas, for progressive palatalization, there is a negative evaluation, indicating a case negative stereotype in the community.

Keywords: Social meanings. Regressive palatalization. Progressive palatalization.

¹ Universidade Federal de Alagoas, Campus Arapiraca, Arapiraca, AL, Brasil. Endereço eletrônico: elyne.vitorio@gmail.com.

Introdução

A Teoria da Variação e Mudança Linguística (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) postula que as formas linguísticas variantes apresentam o mesmo significado referencial ou de verdade, mas tendem a apresentar significados sociais diferentes, sendo associadas a valores positivos, negativos ou neutros na comunidade. Labov (2008 [1972]) reconhece que os julgamentos sociais podem ser conscientes ou inconscientes, gerando três categorias de significação social: estereótipos, marcadores e indicadores.

Os significados sociais associados às formas variantes dependem de fatores sociais, estilísticos, geográficos, históricos e, também, das crenças e atitudes linguísticas dos falantes. Esses significados também estão relacionados à saliência de uma dada variante linguística, que, a depender da comunidade, pode ser mais ou menos saliente (FREITAG, 2018). Variantes linguísticas mais salientes tendem a ser avaliadas mais negativamente pelos membros de uma dada comunidade de fala, inibindo mais o curso da mudança linguística.

Neste estudo, aferimos o que pensam estudantes universitários sobre a palatalização /t, d/ em dois contextos linguísticos: palatalização regressiva – /t/ e /d/ seguidos da vogal alta /i/, como *tia* e *dia*, e palatalização progressiva – /t/ e /d/ antecedidos pela semivogal /j/, como *oito* e *doido*. Para tanto, consideramos seis parâmetros de julgamentos: percepção da variação na cidade onde mora, crença a respeito do próprio uso linguístico, avaliação da variação, percepção do uso quanto à variação diatópica, à escolarização e ao preconceito linguístico.²

Nosso ponto de partida é o de que há uma avaliação positiva em relação ao processo de palatalização regressiva, mas uma avaliação negativa quanto à palatalização progressiva, revelando ser essa palatalização estigmatizada na comunidade em estudo. Estudos sociolinguísticos de produção (MOTA, 2008; SANTOS, 2011; OLIVEIRA, 2017) tendem a apontar que a escolaridade é um fator importante nesse processo variável, estando a variante palatalizada progressiva mais frequente entre os falantes menos escolarizados.

Estudos sociolinguísticos de percepção (RIBEIRO; CORRÊA, 2018; FREITAG, 2020) também tendem a apontar uma avaliação negativa para a palatalização progressiva. Ribeiro e Corrêa (2018), ao analisarem a avaliação social da palatalização de /t, d/ no estado de Sergipe, mostram que a palatalização regressiva é mais associada à pessoa mais escolarizada, que fala bem e bonito e que mora na capital, ao passo que a palatalização progressiva é mais associada à pessoa não formal, que não fala bonito e que mora no interior.

² Esses parâmetros de julgamento social foram propostos por Araújo e Borges (2018), ao estudarem o fenômeno da monotongação com estudantes da Universidade Federal de Sergipe.

Com o objetivo de mensurar que significados sociais são associados à palatalização /t, d/ por estudantes universitários do agreste alagoano, estruturamos este texto da seguinte forma: além desta seção introdutória; abordamos, a seguir, o uso da palatalização /t, d/ em Alagoas; na seção seguinte, pontuamos algumas considerações sobre sociolinguística e significados sociais, bem como descrevemos a metodologia adotada nesta pesquisa; na seção seguinte, analisamos e discutimos os resultados obtidos, e, por fim, concluímos as discussões levantadas, ressaltando os pontos mais importantes da análise.

A palatalização /t, d/ em Alagoas

Tomando por base os dados do Projeto ALiB, Mota (2008) analisa o processo de palatalização /t, d/ nas cidades de Salvador, Aracaju, Recife, Maceió, João Pessoa e Teresina. Em relação ao condicionamento geográfico, Maceió pertenceria ao grupo que faz pouco uso da palatalização regressiva, apresentando um percentual de 8% e um peso relativo de 0,14, mas, juntamente com Aracaju, pertenceria ao grupo que apresenta índices mais elevados da palatalização progressiva, com um percentual de 60% e um peso relativo de 0,56.

Em relação à variação diatópica, a palatalização progressiva é condicionada pela faixa II, indicando “uma mudança em direção às não-palatais” (MOTA, 2008, p. 8), com a cidade de Maceió apresentando, para a Faixa I, um percentual de 23% e um peso relativo de 0,55 e, para a Faixa II, um percentual de 79% e um peso relativo de 0,95. Quanto às variáveis escolaridade e sexo, em Maceió, não houve significância estatística, mas os dados mostram tendências de mais palatalização entre falantes menos escolarizados e do sexo masculino.

Tomando por base os dados de produção analisados, Mota (2008, p. 2) argumenta que “as realizações palatalizadas diante de /i/ são, no Nordeste, consideradas, em geral, como variantes de prestígio, ao contrário das realizações depois de semivogal palatal, identificadas como estereótipos”. Segundo a autora, os resultados mostram que, no geral, a palatalização de /t, d/ depois de semivogal palatal /j/ é favorecida entre os falantes mais velhos – Faixa II, menos escolarizados e do sexo masculino, revelando ser uma variante estigmatizada.

Santos (2011), ao analisar as africadas baianas em Sergipe e Alagoas, tomando por base 36 inquéritos do Projeto ALiB e os fatores diatópico, gênero, escolaridade e tipo de discurso, mostra que a variante palatalizada pode estar em processo de desaparecimento, sendo mais frequente entre os falantes mais velhos, do sexo masculino, menos escolarizados e nos discursos livres. A autora argumenta que “essa palatalização está presente nas normas populares, é uma variante que não goza de nenhum prestígio social” (SANTOS, 2011, p. 1).

Em relação aos dados de Alagoas, a variação diatópica mostra que a palatalização é mais frequente em União dos Palmares – 0,72, seguida da capital Maceió – 0,68 e Arapiraca – 0,60. Santana do Ipanema, localizada no sertão alagoano, apresentou o menor valor – 0,10. Outro fator significativo foi a escolaridade, que indicou que são os falantes menos escolarizados de Maceió quem mais realizam a forma palatalizada – 0,75 para os falantes do ensino fundamental contra 0,67 para os falantes universitários. É importante ressaltar que, nos dois níveis de escolarização, há o favorecimento da forma palatalizada.

Oliveira (2017), ao analisar a palatalização das oclusivas em Maceió, apresenta percentuais de 0,63% para a palatalização regressiva e 19,61% para a palatalização progressiva, mostrando a não produtividade da palatalização regressiva e a produtividade da palatalização progressiva. Quanto à palatalização progressiva, a escola foi o principal contexto condicionador, indicando que quanto maior o nível de escolarização menor o uso da variante palatalizada. Os falantes femininos também são menos propagadores da variante palatalizada, que tende a ser mais produtiva entre os falantes jovens e menos escolarizados.

Assim, há indícios que o processo progressivo de palatalização das oclusivas alveolares esteja adquirindo marcas de estigma, uma vez que as variantes palatalizadas vêm sendo evitadas por falantes com níveis altos de escolaridade, desde que jovens. Ou seja, aparentemente, há o surgimento de marcas negativas de estigma nas variantes palatalizadas das oclusivas alveolares, o que está afetando diretamente o público mais jovem da população maceioense, condicionando o público feminino e os falantes mais escolarizados evitarem essas variantes (OLIVEIRA, 2017, p. 180).

Esses estudos mostram que tanto a palatalização regressiva quanto a palatalização progressiva são produtivas nas comunidades estudadas. No entanto, a palatalização progressiva tende a ser mais recorrente nos dados de produção e é fortemente condicionada por restrições sociais, como a escolaridade, o que pode ser um indício de que haja uma avaliação negativa associada a esse processo. Dessa forma, acreditamos que a palatalização regressiva e a palatalização progressiva receberão valorações sociais diferenciadas, esta sendo considerada um estereótipo negativo e aquela um estereótipo positivo na comunidade.

Aporte teórico-metodológico

Trabalhar com formas linguísticas variantes significa considerar que a língua está sujeita à significação social, tendo em vista que as formas em variação portam diversos significados sociais a depender do padrão de consciência social da comunidade. Portanto, os valores associados às variantes linguísticas são importantes para os estudos sociolinguísticos, pois

delimitam espaços sociais, e, de acordo com Labov (2008 [1972]), uma comunidade de fala também é entendida como um grupo de falantes que compartilha consciente ou inconscientemente os mesmos valores sociais em relação ao uso da língua.

Ao mostrar que as variantes além de possuírem os mesmos significados referenciais podem também apresentar significados sociais diferentes, Labov (2008 [1972]) reconhece que há julgamentos sociais conscientes e inconscientes sobre a língua. Tomando por base o nível de consciência que o falante possui sobre as variantes, o autor postula três categorias de significação social: estereótipos – traços linguísticos socialmente marcados de forma consciente; marcadores – traços linguísticos social e estilisticamente estratificados, sensíveis a testes de avaliação; e indicadores – traços linguísticos que apresentam pouca força avaliativa.

Entendido como o conteúdo social presente na mente do falante/ouvinte para cada situação relacionada ao comportamento linguístico (CAMPBELL-KIBLER, 2009), o significado social ou valor social das variantes linguísticas sempre foi objeto de discussão nos estudos sociolinguísticos. No entanto, ainda pouco se sabe sobre “como os ouvintes percebem o significado social, como eles recebem pistas sociolinguísticas e o que fazem com elas” (p. 135). Dentro dos estudos sociolinguísticos, esse significado pode ser mensurado através do problema de avaliação, com estudos sobre crenças, atitudes e percepções linguísticas.

O problema de avaliação (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]) procura analisar como um fenômeno linguístico variável é percebido em uma dada comunidade pelos seus membros, com o foco na avaliação linguística e na avaliação social, o que significa considerar que a avaliação se relaciona a um caráter individual e social. Do ponto de vista do problema da avaliação, diferentes são as abordagens para mensurar o valor social das formas em variação. Garrett, Coupland e Williams (2003), ao discutirem atitudes linguísticas, apontam três caminhos: tratamento societal, abordagem direta e abordagem indireta.

Nesta pesquisa, recorreremos à abordagem direta, que, através de entrevistas ou questionários, consiste em perguntar abertamente aos falantes o que eles pensam sobre uma dada variante ou como avaliam e percebem determinadas formas linguísticas. Embora haja a possibilidade dessa técnica mascarar a real avaliação de um dado fenômeno linguístico variável, tendo em vista que os falantes podem fornecer respostas socialmente desejáveis, a depender do nível de consciência social da variante em estudo, é possível acessar as atitudes linguísticas empiricamente (GARRETT; COUPLAND; WILLIAMS, 2003).

Nesse contexto, mensuramos como o processo de variação da palatalização de /t, d/ é julgado por estudantes universitários do agreste alagoano. Para tanto, tomamos por base o questionário de atitudes linguísticas de Araújo e Borges (2018) e consideramos seis parâmetros

de julgamento social: (i) percepção da variação na cidade onde mora, (ii) crença a respeito do próprio uso linguístico, (iii) avaliação social da variação, (iv) percepção do uso quanto à variação diatópica, (v) percepção do uso quanto à escolarização e (vi) percepção do uso quanto ao preconceito linguístico, conforme questões abaixo.

1. Onde você mora é comum falar dessa forma?
2. Você fala assim? Por quê?
3. O que você acha desse jeito de falar?
4. Esse modo de falar é típico de algum lugar do Brasil? E aqui em Alagoas?
5. Esse modo de falar tem a ver com o nível de estudo da pessoa? Por quê?
6. Você acha que as pessoas que falam desse modo sofrem preconceito? Por quê?

Participaram da pesquisa 102 estudantes da Universidade Federal de Alagoas – Campus Arapiraca, que, após a assinatura do TCLE, responderam ao questionário. Esses estudantes nasceram, se criaram e moram nos municípios localizados no agreste de Alagoas e possuem entre 20 e 35 anos de idade. São estudantes de diferentes cursos de graduação ofertados no Campus Arapiraca, com exceção de estudantes do curso de Letras, devido às discussões linguísticas sobre fenômenos linguísticos variáveis. A coleta de dados foi realizada no referido campus e ocorreu entre os meses de fevereiro e junho de 2019.

Para a análise e discussão dos dados, fizemos a análise qualitativa dos dados, bem como a análise quantitativa das respostas obtidas, contabilizando a frequência das respostas no R. Fernández e Díaz (2002) argumentam que o emprego de análises qualitativas e análises quantitativas em uma pesquisa pode ajudar a corrigir distorções associadas a cada método, uma vez que uma investigação qualitativa se caracteriza por ser subjetiva, exploratória, indutiva e não generalizável, ao passo que uma investigação quantitativa se caracteriza por ser objetiva, confirmatória, inferencial, dedutiva e generalizável.

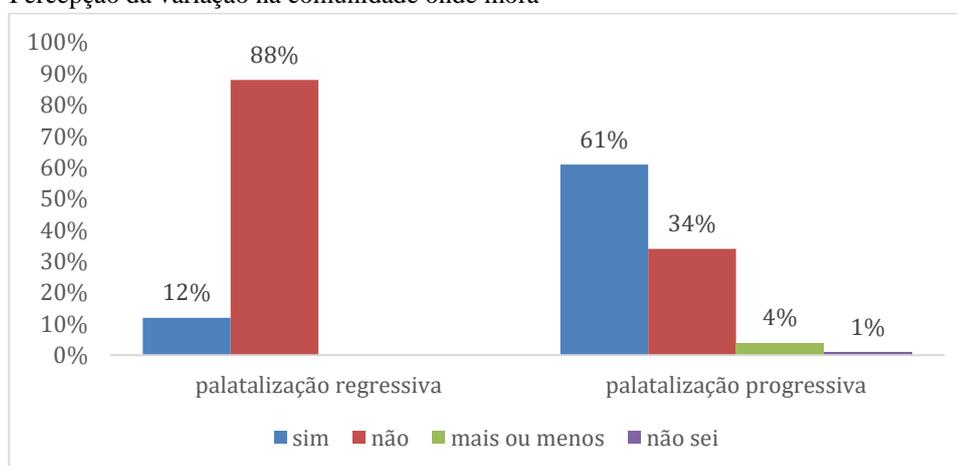
Análise e discussão dos dados

Pesquisas sociolinguísticas sobre o processo de variação da palatalização /t, d/ mostram que, no estado Alagoas, a palatalização regressiva – /t/ e /d/ seguidos da vogal alta /i/, como [tʃ]ia e [dʒ]ia – não é muito produtiva, caso que tende a não ocorrer com a palatalização progressiva – /t/ e /d/ antecidos pela semivogal /j/, como oi[tʃ]o e doi[dʒ]o. Para analisarmos a percepção de uso dos estudantes na comunidade onde mora, perguntamos: onde você mora é

comum falar [tʃ]ia, [dʒ]ia, se[tʃ]e, gran[dʒ]e, me[dʒ]ida, atualmen[tʃ]e? / Onde você mora é comum falar oi[tʃ]o, doi[dʒ]o, mui[tʃ]o, prefei[tʃ]o, biscoi[tʃ]o, jei[tʃ]o?

Conforme gráfico 1, observamos um comportamento diferenciado em relação a esses contextos linguísticos variáveis. Em relação à palatalização regressiva, há a crença de que não é um uso comum na comunidade – 88% contra 12% que acreditam que o uso de [tʃ]ia, [dʒ]ia, se[tʃ]e, gran[dʒ]e, me[dʒ]ida, atualmen[tʃ]e é comum na comunidade. Quanto à palatalização progressiva, por sua vez, predomina a crença de que a realização palatalizada – oi[tʃ]o, doi[dʒ]o, mui[tʃ]o, prefei[tʃ]o, biscoi[tʃ]o, jei[tʃ]o – é comum na comunidade – 61% contra 34% que acham que não, 4% que acham que mais ou menos e 1% não soube responder.

Gráfico 1 - Percepção da variação na comunidade onde mora



Fonte: elaborado pela autora.

Os estudantes que acreditam que não é comum o uso de [tʃ]ia, [dʒ]ia, se[tʃ]e, gran[dʒ]e, me[dʒ]ida, atualmen[tʃ]e argumentam que é possível ouvir o uso dessas formas por pessoas vindas de outras regiões ou por pessoas que viajam para as regiões sul e sudeste e retornam para a comunidade falando assim, conforme excertos (1), (2) e (3). Quanto ao uso de oi[tʃ]o, doi[dʒ]o, mui[tʃ]o, prefei[tʃ]o, biscoi[tʃ]o, jei[tʃ]o tanto os estudantes que acreditam que sim quanto os estudantes que acreditam que não argumentam que esse uso está mais associado à área rural, à região do interior, conforme excertos (4), (5) e (6).

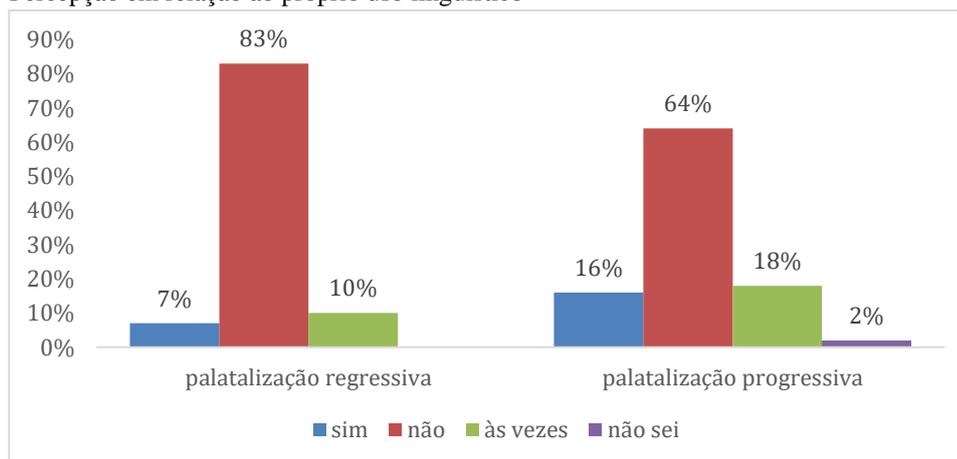
- (1) não é comum, a não ser quando alguém chega de outras regiões – informante 9
- (2) costume ver em familiares que vão ao sul e voltam após um tempo – informante 25
- (3) não é comum esse uso, porém as pessoas que vão para São Paulo e voltam para cidade onde moravam, retornam falando dessa forma – informante 29
- (4) não na área urbana, acredito que mais na área rural – informante 27

(5) sim é comum, mas na zona rural, geralmente na zona urbana não falam muito dessa forma – informante 40

(6) em alguns locais sim, principalmente no interior ou nos povoados ao redor do município que moro – informante 83

Com o intuito de aferirmos a percepção em relação ao próprio uso linguístico, perguntamos aos estudantes: você fala assim? Conforme gráfico 2, observamos que, tanto para a palatalização regressiva quanto para a palatalização progressiva, há a crença de que são formas linguísticas não utilizadas pelos estudantes, com percentuais de não uso de 83% e 64%, respectivamente. Também obtivemos, para a palatalização regressiva, percentuais de 7% para sim e 10% para às vezes, bem como, para a palatalização progressiva, percentuais de 16% para sim, 18% para às vezes e 2% para não sei.

Gráfico 2 - Percepção em relação ao próprio uso linguístico



Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisarmos as respostas dadas pelos estudantes para justificar o não uso dessas variantes, observamos que, para palatalização regressiva, há o argumento de que é um uso não comum onde o estudante mora e entre as pessoas com quem convive, conforme excertos (7) e (8). Para a palatalização progressiva, também há o argumento de que não é comum esse uso no convívio do estudante, conforme excertos (9) e (10). Há também, para a palatalização progressiva, o argumento de que o estudante não faz uso dessa forma porque há a associação entre o seu uso e a não escolarização do falante, conforme excerto (11), bem como de que essa é uma forma linguística não muito correta e até feia, conforme excertos (12) e (13).

- (7) não falo dessa forma porque onde moro isso não é comum – informante 5
- (8) não, porque não convivo com pessoas que falam dessa forma – informante 2
- (9) não uso porque as pessoas com as quais convivo falam oi[t]o, doi[d]o, mui[t]o, prefei[t]o – informante 4
- (10) não falo assim porque na cidade onde moro e as pessoas próximas a mim não falam assim – informante 8
- (11) não uso porque as pessoas que falam dessa forma são consideradas sem estudo – informante 63
- (12) não uso, não acho a forma mais correta de falar – informante 102
- (13) não uso, pois acho feio – informante 85

Os estudantes que afirmam que sim e que às vezes fazem uso dessas variantes argumentam que, tanto para a palatalização regressiva quanto para a palatalização progressiva, são variantes comuns na sua comunidade, principalmente as variantes oi[t]o, doi[d]o, mui[t]o, prefei[t]o, biscoi[t]o, jei[t]o, conforme excertos (14) e (15). Para a palatalização regressiva, também há o argumento de que o seu uso está associado à escolarização do estudante, conforme excerto (16), bem como a influência da mídia, conforme excerto (17), revelando um julgamento mais positivo para esse contexto linguístico.

- (14) porque é bem natural ver as pessoas falando assim em Alagoas – informante 15
- (15) porque falamos assim na comunidade onde vivo – informante 21
- (16) algumas palavras sim, não sei ao certo, acredito que o meio em que vivo e a minha escolaridade – informante 99
- (17) acredito que por eu assistir demais, acaba influenciando – informante 39

Esses dados mostram que, em relação à palatalização regressiva, as crenças em relação à percepção de uso na comunidade e ao próprio uso linguístico caminham na mesma direção, predominando a crença de que são formas linguísticas não usadas. No entanto, em relação à palatalização progressiva, observamos que a percepção de uso na comunidade e a percepção do próprio uso linguístico caminham em direções opostas, havendo a crença de que é um uso comum na comunidade dos estudantes, mas os estudantes acreditam não usar formas linguísticas variantes como oi[t]o, doi[d]o, mui[t]o, prefei[t]o, biscoi[t]o, jei[t]o.

Com o intuito de aferirmos se há uma avaliação positiva, negativa ou neutra quanto a esses contextos linguísticos variáveis, perguntamos aos estudantes: o que você acha desse jeito

de falar? Conforme figura 1, observamos que, tanto para a palatalização regressiva quanto para a palatalização progressiva, predomina a crença de que o uso dessas formas linguísticas é visto como normal, cultural, costume, popular, prevalecendo aqui uma avaliação mais neutra em relação a essas variantes linguísticas, mas também observamos um uso linguístico associado a estranho, engraçado, diferente, esquisito e feio.

Figura 1 - Nuvens de palavras em relação à avaliação da variação
palatalização regressiva



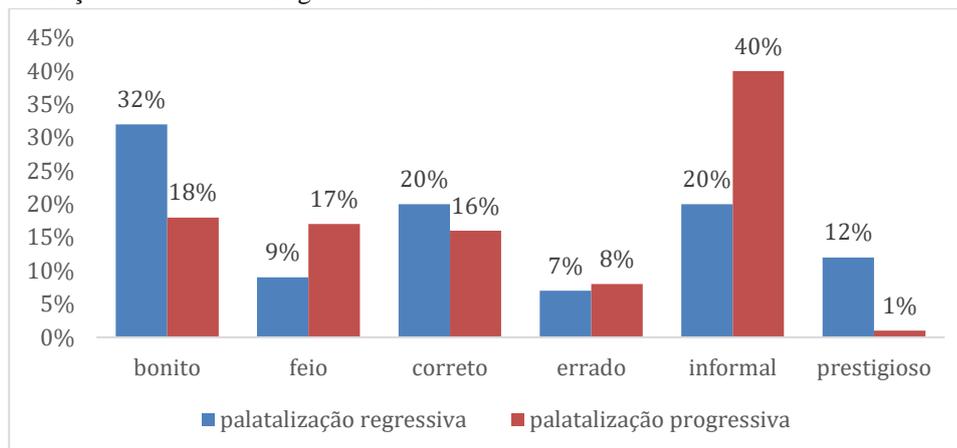
palatalização progressiva



Fonte: elaborada pela autora.

Ao analisarmos a associação desses contextos variáveis aos valores avaliativos de bonito, feio, correto, errado, informal e prestigioso, observamos, conforme gráfico 3, que a palatalização regressiva é mais associada aos valores de bonito, correto e prestigioso, com percentuais de 32%, 20% e 12%, respectivamente, ao passo que a palatalização progressiva é mais associada aos valores de feio e informal, com percentuais de 17% e 40%, respectivamente. Apesar de predominar uma avaliação mais neutra, a palatalização regressiva é avaliada mais positivamente, ao passo que a progressiva recebe valores mais negativos.

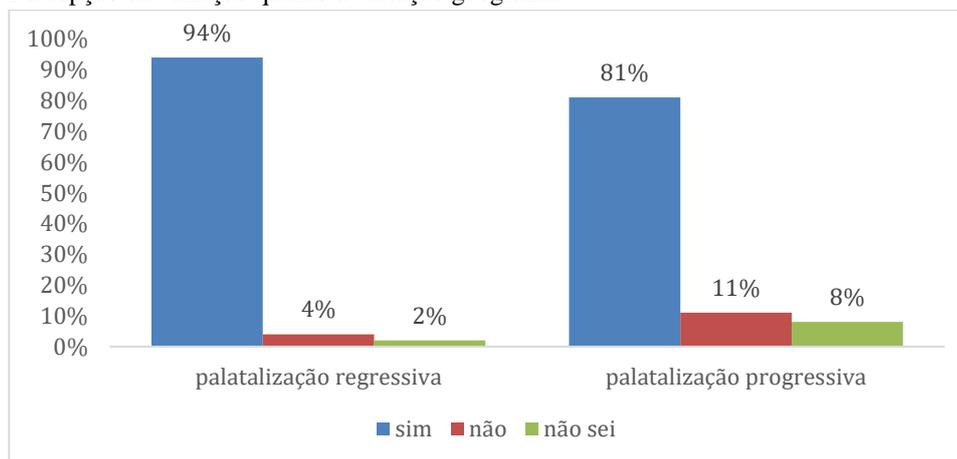
Gráfico 3: Avaliação dos contextos linguísticos variáveis



Fonte: elaborado pela autora.

Com o intuito de analisarmos a percepção dos estudantes quanto à variação geográfica, perguntamos: esse modo de falar é típico de algum lugar do Brasil? E aqui em Alagoas? Conforme gráfico 4, observamos que, tanto para a palatalização regressiva quanto para a palatalização progressiva, há a crença de que são contextos linguísticos variáveis condicionados à variação diatópica, com percentuais de 94% e 81%, respectivamente. Para a palatalização regressiva, também obtivemos percentuais de 4% para não e 2% para não sei, ao passo que, para a palatalização progressiva, obtivemos 11% para não e 8% para não sei.

Gráfico 4 - Percepção da variação quanto à variação geográfica



Fonte: elaborado pela autora.

Ao analisarmos a que regiões são associados esses contextos linguísticos, observamos, conforme figura 2, que o uso de [tʃ]ia, [dʒ]ia, se[tʃ]e, gran[dʒ]e, me[dʒ]ida, atualmen[tʃ]e é mais associado às regiões sudeste, centro-oeste e norte, conforme excerto (18), ao passo que o uso de oi[tʃ]o, doi[dʒ]o, mui[tʃ]o, prefei[tʃ]o, biscoi[tʃ]o, jei[tʃ]o é mais associado às regiões nordeste e sudeste, conforme excertos (19) e (20). Quanto à palatalização progressiva, também

há uma associação maior a pessoas analfabetas, idosas, desfavorecidas socialmente e que moram em comunidades rurais, conforme excertos (21), (22), (23), (24) e (25).

Figura 2 - Nuvens de palavras sobre percepção da variação geográfica

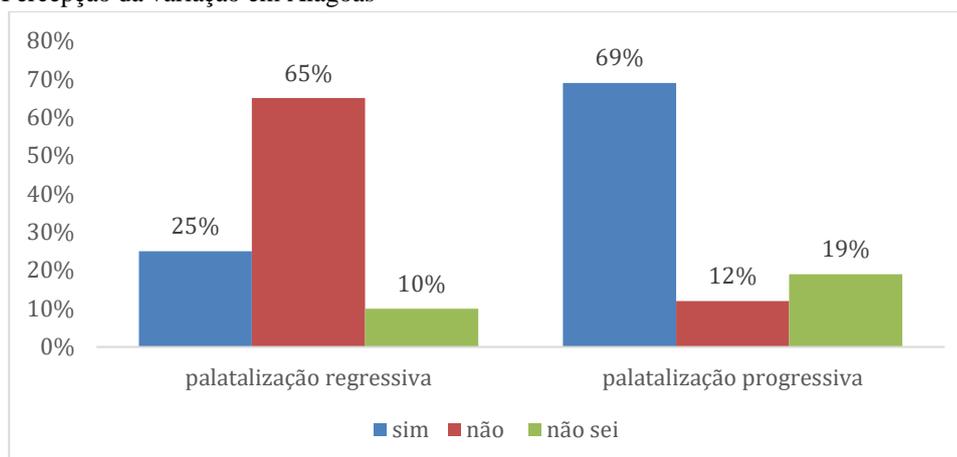


Fonte: elaborada pela autora.

- (18) aqui no estado de Alagoas não, mas em outras regiões como sudeste e centro-oeste é comum esse modo de falar, acho que é um traço cultural – informante 53
- (19) é um uso bem típico do nordeste – informante 43
- (20) acho que é um uso típico do sul e do sudeste – informante 9
- (21) sim, sobretudo em áreas com vulnerabilidade socioeducativa – informante 75
- (22) algumas pessoas mais velhas que conheço que falam assim – informante 102
- (23) parece mais falas das áreas periféricas – informante 64
- (24) sim, principalmente em comunidades rurais – informante 79
- (25) é típico das comunidades menos favorecidas socialmente – informante 87

Em relação a essas variantes serem típicas de Alagoas, observamos, conforme gráfico 5, que, para [tʃ]ia, [dʒ]ia, se[tʃ]e, gran[dʒ]e, me[dʒ]ida, atualmen[tʃ]e, predomina a crença de que não é um uso típico do estado – 65% contra 25% de sim e 10% de não sei, conforme excertos (26) e (27). Para o uso de oi[tʃ]o, doi[dʒ]o, mui[tʃ]o, prefei[tʃ]o, biscoi[tʃ]o, jei[tʃ]o, por outro lado, predomina a crença de que é um uso típico do estado alagoano – 69% contra 12% de não e 19% de não sei, conforme (28) e (29). No entanto, esse uso é mais associado ao interior do estado, às comunidades rurais ou aos povoados, conforme excertos (30) e (31), bem como a pessoas com baixo nível de escolarização, conforme excerto (32).

Gráfico 5: Percepção da variação em Alagoas

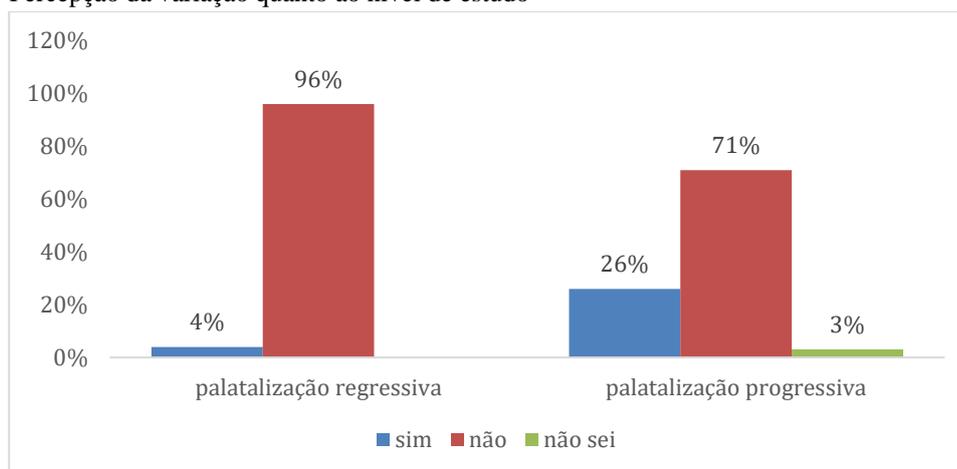


Fonte: elaborado pela autora.

- (26) aqui só vemos alguém falar assim quando vem de outra região – informante 4
- (27) aqui em nosso estado não é comum – informante 5
- (28) sim, é bem típico de Alagoas – informante 10
- (29) aqui em Alagoas é bem usado – informante 46
- (30) sim, em algumas comunidades da zona rural – informante 98
- (31) em Alagoas é mais comum nos povoados – informante 83
- (32) aqui em Alagoas é super comum, principalmente quando a pessoa tem um baixo nível escolar – informante 85

Com o intuito de aferirmos se o nível de escolarização dos falantes interfere no uso dessas variantes, perguntamos aos estudantes: esse modo de falar tem a ver com o nível de estudo da pessoa? Conforme gráfico 6, observamos que, tanto para a palatalização regressiva quanto para a palatalização progressiva, prevalece a crença de que o uso dessas variantes não tem relação com a escolarização dos falantes, com percentuais de 96% e 71%, respectivamente. Há aqui o argumento de que a realização palatalizada de /t, d/ nesses contextos linguísticos é mais uma questão cultural, conforme excertos (33) e (34).

Gráfico 6 - Percepção da variação quanto ao nível de estudo



Fonte elaborado pela autora.

(33) acho que está mais relacionado à cultura de uma certa região – informante 2

(34) creio que é questão cultural mesmo – informante 39

Para a palatalização progressiva, também há o argumento de que esse uso não se relaciona ao nível de estudo dos falantes porque falantes escolarizados também falam oi[tʃ]o, doi[dʒ]o, mui[tʃ]o, prefei[tʃ]o, biscoi[tʃ]o, jei[tʃ]o, conforme excertos (35) e (36). Os 26% que acreditam que esse uso está relacionado ao nível de estudo dos falantes argumentam que pessoas mais escolarizadas não produzem essas variantes palatalizadas, conforme excertos (37) e (38), argumentando que essas formas linguísticas só são produzidas por pessoas com baixa escolaridade, que tiveram pouco acesso à escola, conforme excertos (39) e (40).

(35) conheço pessoas com alto nível de estudo que falam assim – informante 13

(36) até as mais estudadas em determinadas regiões falam assim – informante 38

(37) uma pessoa com nível de escolaridade alto não fala assim – informante 18

(38) não é comum uma pessoa com nível maior de estudo falar assim – informante 100

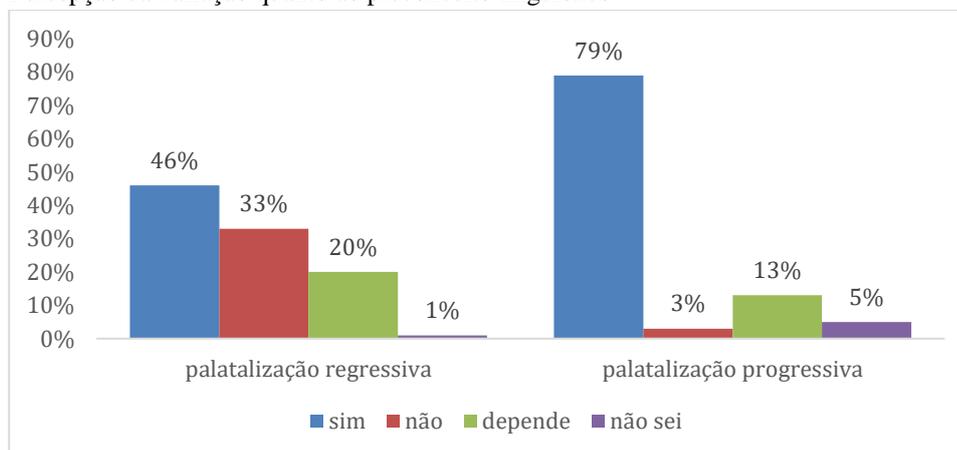
(39) sim, pois essas palavras são popularmente ditas por pessoas mais velhas ou com pouco estudo – informante 59

(40) geralmente quem fala dessa forma teve pouca escolaridade – informante 63

Com o intuito de checarmos se há preconceito linguístico em relação às formas palatalizadas de /t, d/, perguntamos aos estudantes: você acha que as pessoas que falam desse modo sofrem preconceito? Por quê? Conforme gráfico 7, para a palatalização regressiva, obtivemos percentuais de 46% para sim, 33% para não, 20% para depende e 1% para não sei,

para a palatalização progressiva, por sua vez, obtivemos percentuais de 79% para sim, 3% para não, 13% para depende e 5% para não sei, revelando que, tanto para a palatalização regressiva quanto para a palatalização progressiva, prevalece a crença de que há preconceito.

Gráfico 7 - Percepção da variação quanto ao preconceito linguístico



Fonte: elaborado pela autora.

No entanto, a percepção do preconceito é diferenciada, sendo sensível ao contexto linguístico analisado. Para a palatalização regressiva, o preconceito ocorre se o falante estiver fora da sua comunidade, gerando mais um estranhamento do que uma avaliação negativa, conforme excertos (41), (42), (43) e (44). Entendida como um traço socialmente marcado de forma consciente entre os estudantes universitários do agreste alagoano, a palatalização regressiva parece se comportar como um estereótipo linguístico que apresenta valorações sociais de prestígio, sendo assim considerada um estereótipo positivo na comunidade.

(41) caso migrem para regiões que as pessoas falam de outro modo – informante 4

(42) em outros lugares que falam diferente as pessoas podem achar estranho, mas no mesmo local não – informante 13

(43) quando estão em um local de cultura diferente sofrem um estranhamento – informante 91

(44) se uma pessoa que fala parecendo que está assobiando, por exemplo de São Paulo viesse para Alagoas, ou seja, sair da sua comunidade, pode ser que sim, que cause estranhamento – informante 97

Para a palatalização progressiva, há também o argumento de que o preconceito pode ocorrer se o falante estiver fora da sua comunidade, conforme excertos (45) e (46), mas também

há o argumento de que as formas oi[tʃ]o, doi[dʒ]o, mui[tʃ]o, prefei[tʃ]o, biscoi[tʃ]o, jei[tʃ]o são feias, inadequadas e erradas, conforme excertos (47), (48) e (49), e associadas a pessoas sem estudo e que moram em regiões periféricas, conforme excertos (50), (51) e (52). Também considerada um traço socialmente marcado de forma consciente, mas avaliada mais negativamente, essa palatalização parece se comportar como um estereótipo negativo.

(45) ao chegar em uma comunidade diferente sim – informante 11

(46) em uma região que não fala assim pode sofrer, mas em uma região que fala igual não sofrerá – informante 13

(47) porque muitas pessoas veem como formas feias e esquisitas – informante 26

(48) pelo fato de alguns acharem diferente, feio ou inadequado – informante 38

(49) porque a sociedade acha errada e feia essa forma de falar – informante 61

(50) aparenta que a pessoa que fala assim não estudou – informante 66

(51) porque é tido como típico de pessoa com pouco estudo – informante 81

(52) por remeter a pessoas de classe baixa e região brasileira pobre – informante 71

As respostas que sinalizam que não há preconceito argumentam que, tanto para a palatalização regressiva quanto para a palatalização progressiva, o uso dessas formas é uma questão cultural, por isso não haveria julgamento social negativo. Para a palatalização regressiva, também há o argumento de que as formas [tʃ]ia, [dʒ]ia, se[tʃ]e, gran[dʒ]e, me[dʒ]ida, atualmen[tʃ]e possuem prestígio social, sendo mais associadas a pessoas que possuem maior nível de escolarização, conforme excertos (53) e (54). São variantes vistas como pertencentes a comunidades que têm prestígio, conforme excertos (55), (56) e (57).

(53) tenho a impressão de que é uma forma de fala prestigiada – informante 90

(54) costumam ter mais prestígio, talvez porque as pessoas costumam associar a escolaridade e classes elevadas – informante 81

(55) porque são formas oriundas de comunidades que têm prestígio – informante 71

(56) basta observar de onde elas veem, normalmente da região sudeste, local onde tem um certo prestígio social – informante 74

(57) convencionou-se que esse modo de falar é mais bonito, prestigioso, influenciado também pelas redes televisivas – informante 87

Enquanto existe a crença de prestígio social à realização das formas [tʃ]ia, [dʒ]ia, se[tʃ]e, gran[dʒ]e, me[dʒ]ida, atualmen[tʃ]e, revelando que a palatalização regressiva caracteriza-se mais como um modo de falar de uma região prestigiada socialmente, observamos que predomina a crença de que não há prestígio à realização das formas oi[tʃ]o, doi[dʒ]o, mui[tʃ]o, prefei[tʃ]o, biscoi[tʃ]o, jei[tʃ]o, pois são vistas como variantes desprestigiadas socialmente, conforme excertos (58) e (59), sendo assim mais associadas a regiões que possuem pouco prestígio social, conforme excertos (60) e (61).

(58) essa forma de falar não tem prestígio social – informante 68

(59) é uma forma socialmente estigmatizada – informante 98

(60) aqui é vista como associada à região pobre e sem prestígio social – informante 76

(61) este modo de falar se relaciona a pessoas e a regiões que sofrem muito com preconceito – informante 92

Essas percepções revelam que há significados sociais diferenciados associados ao uso dessas variantes linguísticas, mostrando uma avaliação social sensível ao contexto linguístico. Apesar de predominar a crença de que o uso das variantes palatalizadas é mais associado a questões culturais, com o nível de escolarização sendo pontuado como não influenciador no uso dessas formas linguísticas, observamos que, para a palatalização progressiva, que é mais associada ao falar alagoano, há uma avaliação mais negativa, o que parece sugerir que estamos diante de um estereótipo negativo na comunidade estudada.

Conclusão

Considerando que as variantes linguísticas além de apresentarem os mesmos significados referenciais podem também apresentar significados sociais diferentes (LABOV, 2008 [1972]), mensuramos o que pensam estudantes universitários sobre as variantes palatalizadas de /t, d/ em contextos regressivos e progressivos. Para tanto, recorremos ao problema empírico da avaliação linguística e adotamos uma abordagem direta, através de um questionário de crenças e atitudes sociolinguísticas, que foi aplicado a 102 estudantes, que pertencem ao agreste alagoanos e estudam na UFAL – Campus Arapiraca.

Em relação à percepção de uso na comunidade e à crença quanto ao próprio uso linguístico, observamos que, para a palatalização regressiva, predomina a crença de que é um uso não comum, por outro lado, observamos que, para a palatalização progressiva, há a percepção de que é comum na comunidade dos estudantes, mas os estudantes acreditam não

usar. Quanto à avaliação social, verificamos que esses contextos linguísticos são vistos como culturais, normais, costumes, mas, a palatalização progressiva é mais associada à forma linguística feia e informal, recebendo uma avaliação social mais negativa na comunidade.

Quanto à variação diatópica, há a crença de que são contextos linguísticos relacionados à origem geográfica dos falantes, com a palatalização progressiva sendo vista como um falar típico do estado de Alagoas. No entanto, há o argumento de que esse contexto linguístico é mais associado a regiões não urbanas do estado, como povoados e áreas rurais. Também observamos uma associação a pessoas idosas, pessoas com vulnerabilidade social e pessoas com baixa escolarização, apesar de predominar a crença de que a escola não é um fator influenciador na realização desses contextos linguísticos variáveis.

No que diz respeito à percepção do preconceito linguístico, predomina a crença de que tanto a palatalização regressiva quanto a palatalização progressiva são contextos linguísticos propícios à avaliação social, mas a percepção do preconceito é diferenciada, com a palatalização progressiva sendo avaliada mais negativamente. Os estudantes acreditam que a palatalização regressiva está mais associada à camada social de prestígio na sociedade, indicando uma valoração mais positiva, ao passo que a palatalização progressiva é mais associada à camada desprestigiada, mostrando uma avaliação social mais negativa.

Referências

- ARAÚJO, A.; BORGES, D. Atitudes linguísticas de estudantes universitários: o fenômeno da monotongação em foco. **Revista Tabuleiro de Letras**, Salvador, v. 12, n. 3, p. 98-113, dez. 2018.
- CAMPBELL-KIBLER, K. The nature of sociolinguistic perception. **Language Variation and Change**, U.S.A., v. 21, p. 135-156, 2009.
- FERNÁNDEZ, S.; DÍAZ, S. **Investigación cuantitativa y cualitativa**. 2002. Disponível em: http://www.fisterra.com/mbe/investiga/cuanti_cuali/cuanti_cuali2.pdf. Acesso em: 18 jun. 2017.
- FREITAG, R. Effects of linguistic processing: palatals in Brazilian Portuguese and the sociolinguistic monitor. **Working Papers in Linguistics**, Pennsylvania, v. 25, p. 1-10, 2020.
- FREITAG, R. Saliência estrutural, distribucional e sociocognitiva. **Acta Scientiarum, Language and Culture**, v. 40, n. 2, p. 3-10, 2018.
- GARRETT, P.; COUPLAND, N.; WILLIAMS, A. **Investigating Language Attitudes: social meanings of dialect, ethnicity and performance**. University of Wales Press: Cardiff, 2003.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

MOTA, J. Como fala o nordestino: a variação fônica nos dados do projeto Atlas Lingüístico do Brasil. *In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA*, 1, 2008, São Paulo. **Anais...** São Paulo: JCN Mídia Digital Ltda, 2008.

OLIVEIRA, A. **Processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió**. 2017. 250 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

RIBEIRO, C.; CORRÊA, T. Avaliação social da palatalização de /t, d// em Sergipe. **Revista A Cor das Letras**, Feira de Santana, v. 19, n. Especial, p. 108-123, mar. 2018.

SANTOS, A. As africadas baianas em Sergipe e Alagoas a partir dos dados do Projeto ALiB. *In: CONGRESSO NACIONAL DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS*, 1, 2011, Vitória. **Anais...** Vitória: PPGEL/UFES, 2011. p. 18-21.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

Sobre a autora

Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (Orcid iD: <http://orcid.org/0000-0002-6279-2379>)

Doutora e mestra em Linguística pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL); especialista em Linguística e Ensino de Português pela Universidade Federal do Ceará (UFC); graduada em Letras pela UFC. Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É professora do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da UFAL – Campus Arapiraca.

Recebido em agosto de 2020.

Aprovado em novembro de 2020.